

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Sainte-Catherine, PETERSBURG □ 2,00
Assinatura

Ano: 1885 □ 12 NÚMEROS □ 24 FRANCOS
Sociedade □ 12 NÚMEROS □ 24 FRANCOS
Avulso. □ 12 NÚMEROS □ 24 FRANCOS

8º Anno. — Volume II. — Número 51

PARIS 5 DE FEVEREIRO DE 1885

PARIS □ SKM. STKE. Director

Director: MARTANO PINELA □ JSKUFT

RIO DE JANEIRO

Assinatura

Ano: 1885 □ 4 firmos □ 12.000
SUBSÍDIO □ 12.000
ANNO: 1885 □ 12.000



OS TREMORES DE TERRA EM HESPAÑHA
O PRIMEIRO ABALO



POETAS E PROSADORES

Não viram com que *brio* e com que *furia* o meu querido colaborador Jayme de Seguier, no ultimo numero da ILLUSTRAÇÃO, caia a fundo, a pena terrível e scintillante, capaz de causar inveja a um bello florete segurado por Mérignac, — sobre nós todos... nós todos que formamos a longa e triste caravana dos prosadores?

Lembram-se da famosa phrase? — *A prosa não é uma linguagem.* — Eis a terrível sentença, a estocada a fundo sobre o coração do adversário; o golpe mortal; um peito que pinga sangue; e um corpo que cae desamparado sobre o terreno ainda humido do orvalho da madrugada...

Correm os medicos e correm as testemunhas. Mas o adversário está morto e bem morto — o coração deixou de bater, é uma onda de sangue sobe-lhe aos labios e vem purpurear-lhe a barba. Dali, do campo da honra, só para o cemiterio. Foi uma existencia que se apagou — um catedral onde se acabou o azete.

Depois d'aquella estocada devemos também pegar na Prosa e atirar com ella para a cova? Devemos?...

... Ah! não, meu caro Seguier, meu delicoso prosador e meu delicioso poeta.

E mesmo que o golpe tivesse sido mortal e que a cova tivesse de se abrir para receber o corpo da infeliz, ainda nos ficava V. sobre a terra para dar razão às pretensões da desdita. Porque nós ainda não sabemos quando é que mais o devemos admirar — se quando V. rima, ou se quando V. justamente não está para ali disposto. Ainda não sabemos se nos cumpre fazer votos ao céu para que nunca ponha de lado a linguagem dos deuses — ou a linguagem dos homens!

E depois, o nosso poeta tem todo o artificio d'um advegado hábil que é capaz de fazer convencer não só a sociedade, mas até o próprio criminoso que efectivamente não foi elle — depois de ter confessado o crime! — que deu cabo da vítima.

A Prosa não é uma linguagem que mereça a consideração e a estima dos artistas de bem. A prosa é uma linguagem que se fez para o meu vizinho da esquina, para as criadas de servir e para os soldados da municipal — atendendo a que não se poderiam facilmente exprimir entre gente, apenas por meio de guinchos e de carecas — como os macacos. A Prosa é finalmente a causa vil de que os poetas se servem, quando querem defender a Poesia diante dos ataques dos ignorantes! E o tocado de papel de que se precisa n'um dado momento para pegar pela cauda o rato morto que se delta pela janelinha.

E quando por acaso aparece Prosa magnifica — o poeta affirma que não é tal um prosador que fala... mas sim um poeta disfarçado em soldado da municipal! Ora descarreguem a estinguidade que traz ao homem e vejam o que temos dentro! Polvora?... Pois não foste! — estrelas pisadas n'um almofariz. Buchas de papel?... Isto sim! — de uvernas e que elas são, e de uvernas purpuradas por um poente d'abril! «Bolas!... Qual historial! — Botões de rosa!» — E pegando em meia duzia de linhas do sr. Ramalho Ortigão exclama:

— Aqui está um poeta disfarçado!

E pegando no sr. Ramalho por baixo dos braços, arrancou-o à terra, despio-o das vesti-

mentas engunadoras, das vis robônas socias, e levou-o através do azul, n'aquelle mesma nudez em que Seguier se via um dia no *tepidarium* do Hammam, e que elle descreveu maravilhosamente em prosa (o bandido) nas columnas da ILLUSTRAÇÃO.

... Ora o meu caro Seguier ha de permitir que o mais humilde dos municipais, isto é: que o mais humilde dos que em público se servem da linguagem feita expressamente para quarteis e cadeias — tenha o arrojo de lhe dizer que para fazer bem prosa, é necessário empregar tanta sciencia, tanta experiença e tanto trabalho, como para fazer bem verso.

De resto, não é ao meu amigo que eu devia dizer esta cousa tão vulgar nos nossos bastidores. É o caso de pretender ensinar o *Padre Nossa* a quem todas as manhãs diz a missa.

Seguier trouxe para o público uma questão de puro cosinha literaria. Em vez de servir simplesmente o seu prato delicioso — quiz mostrar aos leitores como se fazia o guisado. Ora mostremos-o e sem paradoxo, meu caro poeta.

De que dispõem os senhores?... Do metro, da rima e do rythmo.

Os senhores são como os wagons dos caminhos de ferro — as rodas hão de perfeitamente assentar sobre os *rails*. Se o cíxio é mais largo ou mais estreito, as rodas não assentam, o wagon não pode portanto marchar — põe-se de lado o poeta, porque não presta!

No dia em que os senhores tenham o ouvido educado para não falhar à medida, um bom pecúlio de rimas, e um bom pecúlio d'imagens sonoras, — os senhores começam a cantar as suas canções, e quando nos temos preso, a nós publico, com o rythmo dos seus versos e com a musica das suas rimas... podem rimar um dia inteiro — que ninguém se lembra nem do almoço, nem do jantar que nos espera! Aqui está a vossa força, a razão da superioridade que os senhores dizem ter sobre os prosadores — poderem cantar vinte e quatro horas sem fatigar o espectador, sem mesmo lhe dar tempo para pensar, reflectir, criticar... tal é a embriaguez.

Ponham um homem sofrivelmente ilustrado a ouvir durante uma hora Massenet — não dirá uma palavra. Ponham esse mesmo homem a ouvir Castelar discursando — no fim de cinco minutos ha de querer ter uma opinião!

... De que dispõem os prosadores?... Apênas do dicionario que tanto foi feito para elles, como para os poetas, como para os coligas, como para os amanuenses. Os dicionarios são como o vinho — não é destinado a um só paladar, mas ao paladar de todos.

Para esses miseraveis é que não ha *rails* preparados d'ante-mão onde elles rólem docemente, como a Poesia rolando sobre o seu metro e a sua rima. Ha apenas o deserto do papel em branco, sem o bordão das regras, sem o oasis V. perdido, mas o oasis veio sem eu querer! da arte poetica onde os poetas se refrescam quando houve secca d'ideias. O deserto mudo, implacável do papel em branco. Um tinteiro que exige que o esviesiem. Uma pena furiosa, impaciente de morder no papel. E um seditor gritando a porta:

— Salta original! salta original!

E então meu caro Jayme, sem metro nem rima que lhe sirva d'amparo, que o prosador tem que começar esta cousa horrivel que se chama o artigo, a chronica, o folhetim ou o romance. Horrible — porque é necessário ser-se tão destro, tão agil, tão impassivel, tão senhor da sua maromba, como Blondin quando atravessa o Niagara.

As phrases são de todos os tamanhos e de todos os féticos. Ha-as curtas como folhas de canivete, e longas como um laimento. Há-as grossas como as espadas e gordas como as aboboras. E é preciso por todas em movimento, fa-

briar uma grande variedade, empregar os moldes mais diferentes.

E que depréssá que uma phrase às vezes se estraga! São bem mais felizes os cosinheiros com os seus móblos e os confeiteiros com o seu assucar em ponto...

A phrase está feita, preparada, alinhavada no nosso cerebro. Vae descer pelo braço, correr pelos dedos, entrar pela caneta, enfiar pela pena — para que a tinta a estenda no papel. Ora infelizmente a pena não tem tinta, e no segundo que foi o tinteiro a bella phrase alterou-se; e por mais que se risquem palavras e se rasgue papel; e se recomece o periodo, e o parágrafo, e o capítulo ut, a phrase não veio... não veio... perdeu-se... alterou-se... pia com ella!

E n'uma payagem, mais um periodo entra-gou o quadro. E n'uma critica, mais um exemplo tornou a pagina pedante. E n'um dialogo, mais uma exclamação, um simples *ah!* um *oh!* ou um *heim!* tornou a phrase vulgar e banal...

Em Poesia para todos ha umas regras e urnas leis. Pode-se não ser poeta mas podem-se fazer bem versos. — Em Prosa não ha regras establecidas; cada qual tem de fazer uma lei, inventar um processo, crear uma formula. Quem não tiver alguma cousa no ventre, apesar de dez annos de trabalho, não é capaz de illudir o publico, cinco minutos.

E quando um prosador, justamente porque os poetas gosam d'uma larga sympathia e d'uma grande benevolencia, chega a produzir uma obra que o publico aplaudisse com as mãos ambas — feliz do que tal obra tiver produzido, porque produziu uma obra duradoura. E quando as gerações futuras tambem o aplaudem, então não sei qual é mais imortal — se a obra do poeta, se a obra do prosador. Porque foram simples prosadores — Rabelais, Montaigne, Diderot, Balzac, Flaubert... E quando um individuo é no mesmo tempo poeta e prosador, é quasi sempre o prosador quem fica — como sucede com Voltaire.

... Emilio Zola n'uma resposta a Armand Silvestre, poeta-prosador que negava a imortalidade ao romance, conclui do seguinte modo:

« O sr. Armand Silvestre expulsa-nos da posteridade, e nós romancistas que acreditamos na vida e que negamos o absoluto. Seréi mais generoso do que elle, abrirei os seculos aos poetas. Subamos todos juntos, o que é muito mais fraternal, porque os nossos esforços são iguais. Não consinto que me accuse de querer ligeiramente sobre a areia, quando eu quero querer que o sr. só rima sobre o bronze. »

Não será esta a verdadeira e generosa resposta que os prosadores devem mandar de presente ao meu caro Seguier, poeta e prosador, tão bello prosador como poeta?...

Vamos, meus senhores! E darem-se as mãos e trepar quanto antes para o azul, para que eu ca de baixo, com os humildes, tenha o prazer de ver o publico, aplaudil-os com entusiasmo!

MARIANO PINA.

Com este numero é distribuido aos nossos assinantes o índice do texto e gravuras do primeiro volume da ILLUSTRAÇÃO, relativo ao anno de 1884.

— Quando mandarem encadernar as suas coleções devem collocar, não o índice no fim, mas as quatro páginas (rosto e índice) logo ao abrir do volume, antes do numero 1. Nisto seguimos o sistema usado pelas ilustrações inglesas por ser o mais simples e o mais commodo.



Novo poema de A. Feijó *A janella do occidente* vem-me fornecer a agradável ocasião de falar d'este sympatizante e viridente talento. Essa ocasião ha muito que eu a desejava. Se já aprendi com o decorrer da vida a disfarçar por vezes as minhas repugnâncias e mesmo as minhas aversões, ainda não adquiri a scienzia mais astuciosa de esconder as minhas predileções e as minhas sympathias.

A admiração, o entusiasmo brotam em mim como plantas livres, que profundam as suas raízes e bracejam as sãs folhagens n'um solo e n'um só puro de miasmas e de invejas. Ja por ocasião do apparecimento das *Transfigurações* e das *Lyricas* e *Bucolicas* eu me senti tentado a pagar ao moço poeta, em mossa de sincerdade e de elogiosa franquesa, a cortezia do oferecimento dos seus dois primeiros livros a um confrade ausente e por ventura esquecido. Aproveitava porém eu então um período de tristeza e de nostalgia que a saudade dos meus, o brusco espedecimento de todos os meus hábitos e de todas as minhas ligações, a doença phisica, um lucto dolorosissimo, ferida ainda hoje goitejante, e a obsessão sinistra d'um céu constatemente brumoso e opaco como a abobada d'uma adega subterrânea, a filtrar um incessante suor de humidade e chuva, serão talvez suficientes para explicar. Não era esse o momento para expansões literárias, tanto mais que essa tristeza invencível fizera do meu espírito um descampado estéril onde com as plantas dos areais só brotavam ideias erráticas de espinhos agressivos e perfurantes.

Hoje porém que sahi d'esse longo e tenebroso túnel, sinto um vivo prazer em ouvir de novo ecoar no meu caminho a voz vibrante e vigorosa do jovem cantor da *Elegia rustica*. Essa voz porém não canta como outr'ora o vitorioso Amor, o silêncio do luar, a tumultuosa vida da Floresta, ou o hymno triunfante do Homem transfigurado em Deus.

Ha no seu canto uma indizível magia, uma dúvida cruel, uma espécie de sinistro desalento, que encontra a sua mais eloquente expressão n'estas duas explendidas estrofes:

*De que serve lutar, lutar n'esta anciedade
Por tudo quanto é justo e generoso e santo,
Se a Dôr, este sarcasmo, é a única verdade
Cuja estatua cruel foi amassada em pranto?*

*De que serve este esforço eterno em que se agita
A nossa inteligência em busca d'uma ideia,
Se para além do azul que sobre nós se arqueia
Nenhum raio desponta a escuridão maldita?*

O que me surprende n'estes versos é justamente essa terrível dor que rói o coração do poeta. Porque se tortura e se lamenta elle em face do inacessível problema? No seu livro as *Transfigurações*, não nos fixara elle assistir a lenta mas segura evolução do seu espírito que, partindo das confusas e desconsoladoras especulações de Schopenhauer chegara pela força ascensional da reflexão e do estudo à tranquilla e calma região das verdades verificadas e positivas? Não nos deu elle nos seus bellos e entusiasticos poemas *Sacerdos Magnus* e o *Homen* a expressão das suas crenças juvenis no futuro glorioso da humanidade? A sua janella enão deitava para o Oriente e por ella entravam a flux,

em vez de lamentos e gemidos, os canticos da natureza em festa, os gorgelos das aves, os perfumes dos calices rubros, do envoltorium ondulante resplandecentes de sul. Que se passou na sua alma depois d'isso, para que em vez dos hymnos triomphes de outr'ora, nos venha huije dizer as amarguras, as Divaldes cruéis, os Desesperos sem saída, tendo na mão em vez de teborca vibrante donde se escapavam bandos de canções aladas, a caveira muda e impenetrável que Hamlet interrogou em vão?

Esperemos que este período de sombria desalento seja curto na vida do brilhante poeta e que elle renuncie em breve a esta lucia estéril com o Incognoscível, que deve repugnar à sua natureza de trabalhador positivo. O premio que elle se tortura de não encontrar no impenetrável Além, tem-no bem perdo, dentro de si, no sentido do próprio valor, na luminosa serenidade da consciência. Parece-me que isto vale dem todos os paroxismos imaginarios das diversas concepções theologicas, e que a Scienzia substituindo o princípio da responsabilidade moral à antiga fatalidade inconsciente do destino, em vez de fazer na alma humana o vacuo glacial que o poeta deplora, lhe deu o estio, a força, a energia que resultam sempre da aquisição d'uma verdade grandiosa e da perda d'um erro inverterado.

O poeta inspirado é phantástico das *Lyricas* e *Bucolicas* revela-se em muitas das estrofes do poema actual. A forma é quasi sempre irreprensivel. Certas quadras parecem ter nascido d'um só jacto, tal é a perfeita unidade que desce do primeiro hemistichio ao ultimo as faz de uma só peça interíqua, sem uma desfallência, sem uma falha sequer. O verso sac-lie flexivel, harmonioso; a rima é quasi sempre d'ouro e por vezes de diamante, deixando no ouvido o encanto singular da dificuldade vencida.

*Gastamos a existencia em tragicas batalhas
E como recompensa ao nosso heroico ardor
Achamos a estamena obscura das mortalhas
E o Golgotha fronteiro á gloria do Thabor.*

*E anda n'este combate o Espírito oscillando
Entre os gozos da vida e as suggestões divinas,
Como um guerreiro estranho e barbaram scismando
N'um deserto ao luar, entre montões de ruínas,*

Colhi no acaso n'outra estrofe este delicioso verso:

*A crème, a eburnea flor de estanho d'ouro e opala
que faria córar de prazer Theodore de Banville,
e que me deu a mesma sensação voluptuosa d'uma melodia de Gounod instrumentada para harpas e flautas. Pullulam n'este poemeto como em quasi todas as poesias de A. Feijó as imagens felizes e imprevistas onde só por um acaso se insinua uma ou outra de gosto discutível como esta da primeira estrofe:*

*O poeta escancarava as chagas do seu peito,
que além de acordar uma ideia repugnante, ca-
rece absolutamente de propriedade.*

Mas logo depois se depara esta explendida estrofe:

*Se a vida é illusão, triste metamorphose
E Prometheu faliou no nerbo de Jesus
Sempre o justo ha de achar, na extrema apoteose,
Sobre o Caucaso o abutre e no Calvario a Cruz*

que nos indemniza largamente da outra.

Sou muito apaixonado da Fôrma e do culto externo da Musa para findar este artigo sem alludir a certas imperfeições, alias de facil corretivo, que fazem por vezes contraste violento com o esmero habitual do Poeta.

Assim este verso,

O crente é um sonhador, o ateu é um incansato

parece-me indispensável, sobre tudo no segundo hemistichio em que alien d'uma elysão violentissima e quasi impossível, existe um hiato para o qual é prejuizo a capacidade local.

Além d'este, noch sig outro, igualmente incorrecto por desíncencia:

Nas steppes da Nuit a estreita da fúca.

O primeiro hemistichio carece de uma alíbia.

Por que motivo também n'uma compilação de trinta e uma estrofes de rimas alternadas, é bruscamente desmarcada a simetria da composição com uma quadra única em que rimam o primeiro e o quarto verso e os dois centrais?

Estas observações podem parecer pueris ao leitor profano, mas o sr. Feijó é muito artista para as desprezar. Bem sei que o marmore da nossa língua é duro e que o alexandrino se esculpe n'ele a custo; tanto maior é a glória do poeta quando se esmera e telha n'esse custoso labor. E raro, de resto, que a matéria plástica não edue, quando o esculptor e conscientioso e tenaz.

Estas críticas de detalhe serviriam-me também para dar a este artigo o claro-escuro indispensável para que o público o não tomasse pela obra d'um thuriferário servil. Elas em nada diminuem o mérito do poemeto e muito menos o do poeta, que só de nome conheço e a quem me não ligam outras obrigações que não sejam as da cortezia social. Sinto-me pois completamente à vontade para saudar n'ele um artista de brilhissimo futuro, e para lhe enviar d'esta brumosa Aquitânia à sua florescente e vívida Pente de Lima, um cordial aperto de mão.

JAYME DE SÉGUIN.

A JANELLA DE JULIETA

A ALBERTO SILVA

*Esta é a alegre janella namorada,
onde a noite ella á noite se reclina;
Eis o vaso com flores, a estimada
Violeta murcha, a dhalia purpurina...*

*Essa odorosa exencia delicada
vem d'esta mobil planta peregrina
que o muro vinga, o peitoril domina
Em torça, aerea e caprichosa escada;*

*Quanto a lua destonca-se brilhante
Parte a primeira perola formosa
D'estes vidros no fulgido diamante;*

*E que enfeitos então a vista green,
vendo oscillar na camara elegante
Das cortinas a fôrma vaporosa.*

RIO DE JANEIRO.

ALBERTO DE CRISTEIRA



EDMOND ABOUT, falecido em Paris no dia 16 de janeiro.



Uma rua em Andalucía. □ Casas para os ruídos, Andalucía.



Casa para os ruídos, Andalucía.



Uma rua em Alhama.



DESENHO DE A. RAMALHO

A unica rua d'A dos Corvos trepava pela encosta ingreme ate á igrejita...

A MALUCA D'A DOS CORVOS

PELO CONDE DE FICALHO

Aprimeira vez que a vi, passava eu a cavalo para uma caçada na serra. Era de manhã cedo — uma explendide manhã de jansito. A unica rua d'A dos Corvos trepava pela encosta ingreme até á igrejita, que, lá no alto, toda caída, recordava no cobalto lavado do céu, com a sua cúpula redonda e os seus círculos chatos, tinha uns arcos de marabut acide. Illuminada horizontalmente pelo sol, que se ia levantando, a aldeia parecia acordar, ainda inteirinha e tremula do frio da noite. A herva alvejava, cuberta de geada; e as estrumeiras, revolvidas pelos porcos, fumavam na frigidez humida. Algumas mulheres abriam as portas, varriam a rua, em saídas de baixo de baetinha amarela, os lenços vermelhos atados nos cabellos. No ar fino, de uma transparencia excessiva, os tons destacavam-se nitidios, um pouco crus, sem esbandidos, como postos alinhados em um estudo do natural. E os sons, o murmurio do furridor no alpendre ao cimo da rua, as vozes alegres dos rapazes jogando a pata galharda, o canto conquistador dos galos nas

cevadas dos farrejos, ouviam-se ao longe, nitidios tambem, numa vibração clara e secca. A superfície de todo a scena havia aquella tranquilidade rustica, que tantas vezes provoca a reflexão banal e falsa: — Que bom serio viver aqui, longe dos cuidados do mundo!

Ao voltar a esquina do muro de um quintal, vi na estreita uma mulher rotu, descalça, muito miseravel; mas conservando na figura e no andar uns restos de mocidade e de elegancia. Não levava chapéu, nem lenço na cabeça; e os seus cabellos pretos, fortes e crespos, cubriam-lhe toda a testa, coroando-a de uma massa escura, singular — como os cabellos da Salomé de Regnault. Quando ouviu junto de si o ruído dos cavallos, volteou-se de subito e, afastando da cara es madeixas soltas com um gesto violento, fixou em mim os olhos grandes, luminosos, numa expressão intensa e dolorosa de interroguição. Foi apenas um clarão. A luz apagou-se, e, baixando a cabeça com um sorriso idiota, apontou contra o peito, carinhosamente

um embrulho informe de trapos, como se acalentasse uma creança. Nisto os rapazinhos, que tinham descido a rua para admirarem de perto os cavallos, vicem-no e começaram a gritar:

— Olha a maluca! olha a maluca! Ela então, assustada, conchegou mais ao peito o embrulho de trapos, como se o quizesse livrar de algum perigo, e, deitando a correr, escondeuse a traz dos muros dos quintais.

Fez-me impressão o olhar d'aquele infeliz, e a primeira vez que me encontrei com D. Jesus Serrano, perguntando se conhecia a rapariga doitida d'A dos Corvos.

D. Jesus era um typo originalissimo — um liberal hespanhol, condenado à morte pelo governo de Narváez, que havia muitos annos se estabelecera ali na terra, onde vivia de sua clinica. Distinto medico, formado em Salamanca, diziam uns simples curmistro, afirmavam outros. Nunca se soube bem se certo que car-

tas tinha; nem creio que as autoridades averiguassem este ponto com muito zelo. E fizeram bem — ella curava e matava como qualquer outro. Médico ou curandeiro era um excellente homem; sempre prompto a acudir aos pobres, sempre a cavalo pelas estradas ao sol e á chuva, com um casaco de peles, muito rogado, no inverno, e uma singular sobrecasca de chita de romântica no verão. A quatro ou cinco legas em roda conhecia toda a gente, nas mais pequenas aldeias, nos mais afastados montes e malhadas; e quando lhe perguntei pela doida, respondeu-me logo no seu português especial:

— Ah! Marianna, lá pobre. Si á conheço. E qué bonita foi!... qué triste caso!

É contou-me a historia da rapariga — uma historia velha, sabida, simples como todas as historias verdadeiras.

A Marianna era filha de uma pobre mulher d'A dos Corvos, que ficara viúva, sendo ella ainda creança. A mãe trabalhava fóra, enquanto a pequena brincava sozinha pela rua e pelos campos, crescendo no ar livre, trepando ás azinheiras buscando bolos pelas montadas, e medronhos ou murrinhos pelos matos. Depois, já crescidita começou também a ir ao trabalho; e aos desoito annos tinha-se feito a mais graciosa rapariga do lugar, de todos aqueles contornos. Alta, delgada, direita e flexível como um víme, era um gosto vê-la voltar do trabalho, andando na estrada num passo que poucos homens acompanhavam, ou vê-la descer, correndo com as outras, numa encosta frugosa, cortando o esteval denso, saltando de pedra em pedra, com a segurança de uma cerva. Mas o seu encanto estava sobretudo nos admiráveis olhos pretos, e no olhar fundo, meigo, que se encontrava a custo, abrigando-se timido e arisco sob as longas pestanas negras.

De ser muito bonita a um tanto esquia, não lhe resultava grande popularidade entre as outras raparigas; mas era muito procurada pelas magareiras, como uma boa trabalhadora, sempre pronta ao sol e ao frio, valente no apanho, nas mondais, nas descardas, nas sefas... nas sefas alentejanas! As sefas ardentes de junho, nos cevadais altos, pelas quebradas abafadiças dos montados, quando os levantes abravam, quando o calor se vê — positivamente se vê — dançando no ar frenético, quando à hora do meio dia tudo se calia, mesmo o ruído stridente das cigarras, e só se ouve, ao longe, o canto triste das roelas nas grandes azinheiras copadas dos barrancos. E ah! de foice na mão, a cinta flexível, curvada, a Marianna podia pôr-se no lado de qualquer trabalhador desembarracado.

À mãe e à tripla viviam bem. Duas mulheres só, rudas, trabalhando no campo, não passam privações. Os ganhos da azeitona até chegavam largamente para as elegâncias da Marianna. E que bem lhe ia aquela coisa! Como os olhos pretos brilhavam sob a aba curta do chapéu novo de Braga! Como um pobre lencinho de chita encarnada dava valor ao tom quente da pele morena, aos belos vermelhos, sombreados por um buço tenuissimo, deixando entrever, nos raros sorrisos, os dentes-pequeninos.

Veio o ango da novidade grande de azeitona — aquelle anno em que os lagares moeram até ao S^o António — e a Marianna foi com a mãe para o rancho da Sovereira formosa, a maior e melhor herdade do termo. O filho do lavrador e

proprietário da Sovereira, o João, um galante rapaz de vinte e tres ou vinte e quatro annos, namorou-se da nova azeitoneira. Nunca o apanho foi tão bem vigiado como naquelle anno. De manhã á noite o João acompanhava o rancho, fumando cigarros, encostado ás oliveiras, com a rede do cavalo castanho passada no braço. Quando ao recolher elle dava relação exacta dos saccos, que tinham entrado no lagar, o pae ficava satisfeito de o ver assíduo no trabalho, activo, esquecido da espingarda e dos galgos; mas no rancho a corte do João à rapariga d'A dos Corvos era o assumpto de todas as conversas. Não lhe era facil falar á Marianna. Ella, lisongeada mas timida, evitava as occasões; e sessenta pares de olhos femininos observavam-lhe os manejos com uma curiosidade, não mais intensa, mas mais grosseiramente indiscreta do que aquella com que nas salas se observam manejos muitos similares. Tinha de esperar horas para lhe dirigir a farto duas palavras quando ella ia levar azeitona aos carros — dias para a encontrar só no caminho da fonte, quando lhe chegava a vez de ser aguadeira. Então a Marianna apressava o passo, com os olhos baixos, fugindo ás declarações, rendida já mas arisca, bateando-lhe o coração de medo, de vergonha, não sabia de quê, com o bater apressado e violento de um coração de passarito apertado na mão. Um dia esperou-a na volta da fonte, n'um valle arredado do olival; e ahi deteve-a quasi à força, dizendo-lhe tudo, roubando-lhe um beijo, enquanto ella, os olhos cravados no chão, as faces accesas, passando nos dedos a bainha do avelant de batido, deixava escapar uma confissão e uma promessa.

Quando terminou a colheita da azeitona, o cavalo do João aprendeu bem depressa o caminho d'A dos Corvos. A rapariga fugia de casa, e ia encontrar o namorado fóra da aldeia, no valle, a traç dos silvados do barranco.

Não sei se elle lhe fallou do futuro, se lhe prometeu casamento — é provável que não. A Marianna deu-se sem pensar, sem cálculo, sem exigir garantias; deu-se com a sua inexperiência de selvagem, com os impulsos do seu coração, com os ardores do seu sangue de serrana vigorosa e forte. Mas deu-se toda e para sempre, e julgou que a tinham tornado para sempre.

Mezes depois a mãe ia só ao trabalho, porque a rapariga já não podia dissimular o seu estado sob as prégas do chaile de lan, e, envergonhada, ficava em casa.

Por este tempo levava o proprietário da Sovereira-formosa muito bem encaminhadas umas negociações para cazar o filho com a D. Angelica — um excellente casamento. Trinta e cinco ou quarenta annos antes, o pae de D. Angelica vieria da Covilhã para caixear d'uma loja na villa proxima. Era uma lojista fria, humida, só cimo da rua Nova, onde se vendia de tudo, chitas e manteiga, panno cru e assucar, pregos e velas de cebó. O beiruoso passou ali annos ao balcão com os mesmos sapatos de ourelo, e o mesmo casaco côn de mel, encoberto, com que viera da terra. Tinha o genio da usura; privava-se de tudo com uma sordidez energica, vivendo de pão de rala e alhos crus, e empregando os tostões do pequenissimo ordenado a juros fabulosos. De repente soube na villa uma notícia extraordinaria — o caixear ia cazar com a sobrinha, filhada, ou quer que fosse, que o velho e rico prior de S^o António tinha em casa.

Isto deu que falar. Disse-se que o casamento era forçado; que o prior encontrara alta noite no quarto da sobrinha o aspirante da alfandega, um meliante de Lisboa, que tocava o fado, e se embedeva regularmente às quintas e dominigos na hospedaria das Silveiras. O caixear fôra então chamado a reparar culpas, que não cometera. Mas — observava n'esse ponto da historia o velho Serrano — isto nunca se soube bem ao certo, e a columna não poupa ningoem... seria cupaz de não poupar nosso senhor Jesus Christo, se cometesse a insigne imprudencia de voltar ao mundo. Fosse como fosse, o caixear cazoou; e então, com o dinheiro do prior, tomou a loja de trespasso, e elargou as suas operações de usura, que passaram a chamar-se operações de credito. Teve também comissões de Lisboa — comprava cevadas e azeites. Annos depois, o prior morria, deixando-lhe um bom lote de fazendas, e — diziam — uma grande arca, toda cheia de velhos cruzados novos. Nas mãos do beirão a fortuna do prior medrou. As fazendas arredondaram-se — com uns foros da Misericórdia, comprados barato — com uns milheiros de vinha, penhorados por uma dívida de cem mil reis a uma viúva pobre — com uns oliveiras, entregues na liquidação final de contas obscuras. E agora o lojista da rua Nova era um personagem, um dos maiores entre os quarenta maiores contribuintes, grande influente eleitoral, tendo o seu palacete na praça, de frontaria bem cojada, com frisos verdes na cimalha, e globos de vidro amarelo nas grades das janelas.

O cruzamento do beirão com a aleijada não fora feliz — a sua filha unica, a D. Angelica, não era bonita. Grossa, corada, lazidia, dada a otários vistosos... francamente não era bonita. Mas que boa dona de casa! Económica, madrugadora, severa com as creadas, e tendo — como a immortal Dulcinea — a melhor mão para salgar porcos de toda a província.

O lavrador da Sovereira tinha umas contas com o lojista — quem as não tinha? De anno para anno as contas iam-se encrestando, complicando em misteriosos labirintos de juros de juros. Lembrou-se de as soldar pelo casamento do filho. Mandou sondar o terreno; e as suas propostas foram bem recebidas. O lojista conhecia-lhe os negócios e fundo, sabia que os seus embargos não eram graves; e depois uma aliança com os Seabrais da Sovereira lisongeava-lhe todas as vaidades.

Quando o pae lhe fallou no casamento, o João ficou confuso. Custava-lhe deixar a Marianna, e n'aquelle estado. Tinha pena da rapariga, e tinha medo do seu genio violento... de um disparate. Resistiu a princípio. Então toda a família o rodeou, dando-lhe bons conselhos.

O tio João Maximo, quando soube que a hesitação do sobriño procedia do escrupulo de deixar uma azeitoneira d'A dos Corvos, riu a bom rir, segurando as ilhargas gordas nas mãos curtinhas, com grupos de pellos ruivos pelas phalanges.

— Iá não ha rapazes, dizia-lhe elle. Vocés não sei o que me parecem. Enão a gente habe estar com essas coisas. Ellas lá se arranjam... lá se arranjam...

E contava-lhe as suas aventuras de D. João de aldeia. Tinha sido Catharina, e a Benta, e mais a Isabel, e a Joana da horta, e a Conceição da estalagem — uma hectombe de mendadeiras. Hectombe não é bem a palavra, por-

que, a acreditar no que dizia o tio João Maximino, todas elas prosperaram. A Catharina tinha casado; e também a Benta; a Conceição pôs de uma venda; e Isidro estava agora de creira arrexe em casa do juiz de direito, que era solteiro. Estavam todas bem estabelecidas, gordas e perfeitas.

— ... Mas lá se arranjam... lá se arranjam... E olha, terminava o tio João Maximino, o melhor que a gente leva daí desse mundo é, rir e divertirse sem escer lá com essas coisas.

A tia Dorotéia não levava o caso tão plácidamente; irritava-se.

— Umas doidas, umas... — é necessário espuçar cuidadosamente o vocabulário da tia Dorotéia, que no entanto era uma honesta senhora — umas doidas sem vergonha que andam metidas com um e com outro. Que sabes tu se lhe deves alguma coisa? — dizia elle ao sobrinho.

O João não respondia, macambusio, metido no quarto, n'uma resistência passiva. Entrou o paix levou-o por bem, contando-lhe os seus embargos, pincando-lhe as opulências da Sovereira-formosa quando as divilhas estivessem todas pagas, mostrando-lhe, no futuro, uma vida farta, à vontade, caçadas, bons cavalos, viagens a Lisboa. Disse-lhe que dariam alguma coisa à Marianna, que a não deixavam desamparada. E que mais queria elle? que podia ella esperar?

A final o João cedeu. Prometeu ir à dos Corvos, desenganar a rapariga, acabar tudo. Foi, mas teve medo da crise — adeou-a. Disse só que ia para a vila tratar de uns negócios, demorava-se um mez, talvez mais, depois voltava. Deixou a rapariga lavada em lagrimos; mas segura, sem uma suspeita. Passaram trez mezes, em que a Marianna contou os dias e as horas. Não lhe chegou aos ouvidos a notícia do cazaamento; a dos Corvos ficou tão arredada de tudo, e elle vivia tão só.

Uma manhã, voltava de longe, do mato, com um feixe de lenha à cabeça, e o filheto no collo, abrigado pela ponta do chapéu de lan. De um covo viu a distanciá, na entranha da vila, a bem conhecida traquiana da Sovereira-formosa. Viria ali o João? Bateu-lhe o coração tão violentamente que fechou os olhos, e teve de encostar-se a um chapareco para não cair. Veiu descendo para a estrada, e quando traquiana chegou perto viu dentro o seu João; não viu mais nada, deixou cair o feixe de lenha e correu á carruagem, esfaldado, sem respiração, levantando a creança nos braços, dizendo só:

— Oh! João!

Vinha tão cega, com tanto impato, que seria pisada se o almoçoava não desisse as mulas. Mas ento... viu uma mulher ao lado d'elle. A voz aspera da D. Angelica, gritava:

— Quê d'âdo? quem é esta mulher? e n'um tom mais azedo — Tu conheces esta mulher João?

E elle, amarelo, enfiado, murmurava:

— Eu não... não sei quem é. Talvez... talvez esteja doida... idiota... — balbucia

empurrando, e a D. Angelica gritou ao almoço creve:

— Andi! Ia,

— Ponda! dizia a Marianna, imponente ao bolo da estrutura. Percebia tudo, e quanto a tranquilidade, que se afastava ao trote largo das mulas, se sumiu lá a diante no volvo, sem que tudo se acabaava. N'um príncipe impulso deitou a correr pela encosta a baixo para a ribeira. Ia a direito, cortando o estoval alto, atravessando os balseiros, partindo as loendreiras, rasgando-se nas silvas, atirando-se à espessura brava do mato, como uma corsa ferida. Em baixo, caçava o espelho frio da agua na superfície tranquilla da pego. Estava muito tranquillo, retratando nitidamente as moitas de loenlho florido da outra margem; encugava-se apensos em circulos, que se alongavam docemente, quando a ponta da azu de uma andorinha a tocava no passar rapido. Estava muito tranquillo no recanto assombrado pelos balseiros, limpido, transparente, deixando a vista penetrar la fundura esverdeada.

A rapariga apertou o filho ao peito, e deitou-se ao pégo.

Uma cortadores que andavam ali no montado, viram-na de longe correr para a ribeira, e seguiram-na. Dois ou tres malos afoitos lançaram-se á agua e poderam tiecl-a a custo. Estenderam-na ao sol, de costas, na hevea da margem. Branca, os olhos cerrallos, os longos cabellos negros, desatados, cheios de agua, espalhados sobre a relva florida, a chita molhada das roupilhas collada nas curvas firmes dos seios parecia morta. Passados momentos descerrou os labios n'uma fundo inspiração; uma onda leve de sangue tingiu-lhe as faces; as palpebras tremeram.

Voltava à vida; mas ao peito apertava nervosamente o cadáver da creança afogada. Depois, sentada na relva, com os seus grandes olhos pretos, fitos, intelligentes, conchegava o cadáver do filho n'um gesto tenro, querendo aquecel-o. Os cortadores forcejavam por lhe tirar, docemente, com um toque carinhoso das suas mãos rudes. Um d'elles — o Chico da Bemposta, que na semana passada dera duas facadas no João da Benta — de joelhos ao pé d'elle, soluçava. Quando a separaram do cadáver, não percebeu; e, enrolando o seu chapéu molhado, apertou-o ao peito, acalentando-o com um sorriso triste.

Hoje a maluca vive com a mãe, que trabalha para a sustentar. Vivem muito pobres... muito esquecidas. Quem vai às vezes por casa d'ellas, e lhes deixa sobre a mesa uns dez tostões, que lhe fazem falta, é o D. Jesus, o velho curandeiro.

O João está presidente da Câmara municipal. O sogro espera, por occasião das eleições gerais, obter para elle o título de Visconde.

Ficaiho.

A Ilustração publicou n'um dos primeiros números um outro conto devidão à penha elegantíssima do sr. conde de Ficalho.

O nosso brillante colaborador, cujo primo trabalho tão apreciado foi dos nossos leitores, affirman de novo ao nosso director a sua collaboração assídua.

A ILLUSTRAÇÃO

em resultado d'un contrato que acabá de realizar com uma casa editora de Paris, pode inaugurar hoje uma secção inteiramente nova, como não existe igual em jornais do mesmo gênero impressos em língua portuguesa.

A Ilustração inaugura hoje uma secção musical, e escusável será dizer que a dedicamos muito especialmente às nossas sympatheticas leitoras, affirmando-lhes desde já que não é só esta a secção especial que lhes desejamos, mas que outras virão de futuro, e das mais curiosas, e das mais originais. As páginas de musicas para piano que formam publicando-ho de ser sempre páginas brilhantes, consagradas por um largo e ruivo sucesso. E para se avaliar um pouco da sua importancia artistica, basta dizer que são páginas arranjadas as principais revistas europeias que se dedicam exclusivamente a assumptos musicais.

Creamos que temos respondido, com, era do nosso dever a todos as sympathies que o público nos tem dispensado. De numero para numero somos mais escrupulosos na actualidade e na belleza das nossas gravuras. Nas páginas de textos Jayme de Segurra vem agora regularmente fazer a revista literaria da quinzena. Da sua elevada competencia — fijo criterio, brilhantismo de phrase, naturalidade de exposição — dícam mais do que nós as duas revistas já publicadas.

Numa desenvolvida secção scientifica os nossos leitores encontram noticias e informações preciosas, de que si podessem ter conhecimento se lessam todas as revistas de França e de Inglaterra.

Hoje a nossa secção musical não queremos dizer que seja o fim de todos os melhoramentos que um jornal da ordem do nosso deva empregar; — mas é uma boa promessa do que pretendemos empreender de futuro, se o público quiser sempre dispensar à Ilustração a mesma sympathia com que a tem acolhido até hoje.

A TUA MÃO

É tão forte essa mão, é tão débil, tão leve,
Que eu que a sinto num beijo, eu que n'um dedo a toco,
Guardo-a num só mão sem o minimo esforço,
Assim como uma flor guarda um globo de neve.

Qual dum beijos atonei, corri uma borboleta,
Sob, dor, vergonha, e ore rompe-se quasi,
Ora approvo, e vai mais veloz que una seta...

Quando riuas ou o amar-te que os olhos te abrasa,
Move-as a tua mão, dança, ergue-te impetuosa,
Acompanha-me a voz segla apurada por pura...

Mas se a poças em mim, como um leio de neve
Põe sobre minhas, — nem o minimo esforço,
A ento é que se sente, ou que n'um dedo a toco,
Quanto p'ra afinal este mão que é tão fraca...

Rio de Janeiro. — 1884.

SILVETKA DE LIMA.



DURANTE O CARNAVAL

Composição de Avril. — Gravura de Ch. Lande.



OS TREMORES DE TERRA EM HESPAÑA

SABASTURQUAS sem precedentes n'este paiz. O terrível phänomeno produziu-se com uma rara intensidade e à hora a que escrevemos Deus sabe se os pobres habitantes das províncias mais atacadas dormem socogidos nas suas camas.

Não se imagina o terror que se apoderou das populações quando se sendram os primeiros abalos. Os habitantes tinhão já entrado para as suas casas; as ruas estavam em parte desertas, sobretudo nas pequenas localidades. De repente, encorcher-se-ão de criaturas espavoridas, fugindo em todas as direcções. O que se passou então, ninguém o sabe, nem as próprias pessoas que assistiram a tão dolorosa scena. O nosso correspondente communica-nos a impressão que recebeu um morador de Leja e da sua família no momento primeiro abalo, eé com as indicações fornecidas por esta pobre homem que foi feito o croquis de que damos um soberbo desenho na nossa primeira pagina, desenho devidamente lápis d'um dos mais brillantes artistas de Paris, de Emilio Bayard. A família estava à mesa e ceiava no momento em que o phänomeno se manifestou. Toda a casa estremeceu, os móveis estalaram e oscilaram. Movimento de aridezade. Olham-se e ninguém sabe o que é...

A casa, já velha, ter-se-ia fêndido? Iria desmoronar-se? Movimento rápido como o pensamento. Ao segundo abalo não era possível haver mais duvidas. Era a téma que estremecia. Sobre a mesa que de novo oscilla, cai a caliga do teatro que rachou por todos os lados. Caem algumas cadeiras, os pratos rolam pelo chão e quebram-se. Levantam-se as mulheres seguram os criantins, as más velhas seguem os pais; umadelas, uma rapariguita, tropica e cœ. O paiz, que é o ultimo a sair, levanta-a e leva-a consigo para a rua. Gritam uns pelos outros, reunem-se, estão todos salvo. E toda a familia vive hoje sobre uma tenda, sobre aquellas tentas que construiram nas ruas e que os nossos leitores verão mais adiante.

Pouco sensivel em Madrid, Jaen, Liliars, Cordova, Ciudad-Real, o phänomeno foi mais violento em Sevilha, Xeres, Cadiz, Utene e na região ocupada pelas províncias de Grenada e de Malaga. N'esta região os mortos e os feridos são numerosos e sobem a milhares ou prejuizes. Foi a província de Grenada a que sofreu maiores abalos no dia 25 de dezembro. A partir d'este dia houve sempre oscilações quasi diárias que tiveram em constante alerta as populações; e a tal ponto que, mesmo nos sítios que menos sofreram, muitos dos habitantes ainda continuam dormindo sob tendas, ao acaso, recelosos de passarem as noites em casa.

Um dos nossos desenhos, feito do natural, em Grenada, dá uma perfeita idéa dos acampamentos construídos pelos moradores da cidade proximo das estradas. As barracas eram em geral de lishagem e rarissimas eram de lona, abrigando mal os habitantes contra as intempéries da estação, contra a chuva e contra a neve que para maior calamidade caíram n'aquelles dias. E o outro nosso desenho de Grenada representa uma prese publica, devotado, por entre a aglomeracão de povo entoando ladanhas, e implorando a misericordia dos céus.

Mas os prejuizes causados pelos tremores em Grenada e mesmo em Loja são-nos se os compararmos aos dessertos de Albunuelas e Alhama de que a Ilustração apresenta hoje diversos desenhos.

Albunuelas é um antigo burgo que fica na extremitade sudoeste da Serra de Armojara, a vinte cin-

co kilometros de Grenada, sobre o rio Santo. É formado de tres bairros: bairro Alto, bairro Baixo e bairro da Egreja. O bairro da Egreja ficou completamente destruído e do seu actual estado podem fazer uma ideia os nossos leitores pelos dois desenhos que publicamos, tirados da natureza. Em Albunuelas foram destruidas 362 casas, ficaram arruinadas 146, houve 102 mortos e 500 feridos.

O desastre é tanto enorrimoso em Alhama, cidade muito mais consideravel que o burgo de que acabamos de fallar. Esta tem antiquissima, d'uma população de 10.000 almas, de 1.800 casas que tinha aproximadamente, 1.500 ficaram destruidas. Os cinco desenhos que publicamos mostram o aspecto dalgumas ruas e um curioso croquis é sem dúvida o que nos deixa ver o interior da egrégia de Alhama. Montões de ruinas, casas fendas e desmoronadas, telhados e paredes que abataram, tal é o triste espetáculo.

Perce-los tor satisfeita largamente a curiosidade dos nossos leitores de Portugal e de Brasil nos quais os desastres d'Hespanha causaram uma tão viva e tão dolorosa impressão — apresentando nas páginas da nossa revista desenhos que só a Ilustração pode obter, graças ás magnificas relações em que se acha com os seus ilustres collegas de Paris e de Londres.

EDMOND ABOUD

Ellustrado escritor francoz de quem a Ilustração publica hoje o retrato nasceu em 1828. Entrou em 1848 para a Escola normal de Paris, onde se tornou celebré pelo seu brillante curso, sendo condiscípulo de泰ine e illustré critico d'arte e de Sarcey o notável critico dramático frances. Da Escola normal foi em 1851 para a Escola de Athenas, e na sua volta a Paris publicou um volume *Al Grécia contemporânea* tão cheio de satyras e tão brillante de critica, que valeu a About a ser alcunhado de « neto de Voltaire ». Depois obteve um brillante sucesso com o seu primeiro romance, *Tolka*, publicado na Revista dos Dois Mundos.

De 1855 a 1858 ocupou-se largamente de critica de bellas artes. Mas em 1859 lançou-se no panfleto politico e publicou a *Questão romana* que causou grande alarido em França e em Itália. E larga e lista das suas obras desde 1860 até 1870. Em todas elas Edmondi About espalhava em profusão um soberbo estylo, simples, claro, nitido, sem excesso de imagens e de adjetivacão, um verdadeiro e antigo estylo frances, que hoje parece estar um pouco de lado, isto devido talvez ao romanismo e ao naturalismo. Em todos os seus livros About distribui um espirito fino e penetrante, uma graca delicada mas no fundo mordunta, que é uma das grandes feições dos mais ilustres prosaidores franceses.

A partir de 1870, Edmondi About entregou-se absolutamente ao jornalismo, e em 1872 tomou conta da direcção do *XIX^o Siècle*, que era ainda ha poucos annos um dos jornais mais interessantes de Paris, mas que actualmente se achava bastante descurado, isto devido a questões internas que se levantaram entre os acionistas do jornal e About — aquelles desesperado forçar o *XIX^o Siècle* a uma política que o seu director não admittia.

Ultimamente fôr eleito para a Academia francesa para ocupar o lugar vago pela morte de Jules Sandeau, mas ainda não tinha sido recebido em sessão solene, e o discurso de recepção foi-lhe por assim dizer profereido à beira da sepultura pelo philósofo sr. Cato, o representante oficial nos funerais de About — aquello que se diz ter sido caricaturizado no *Monde ouvrier* de Pailheron, no tympão *philosophie Balzac*.

A morte de About foi imensamente sentida por toda a imprensa francesa, porque se perdeu n'elle um jornalista de primeira ordem, um verdadeiro escritor de raca que faz honra a um paiz.

UM DESENHO DE RAMALHO

CONSTÂNCIO Ramalho, d'après un croquis do Gravurista, Conde de Ficalho — porque o nosso velho collaborador littérario é não só um distinguido escriptor mas também um dedicado artista, um verdadeiro dilettanti — desenhou a ilustração para o conto que hoje publicamos. Escusado é acrescentar que é sempre com prazer que vemos brilhar nas páginas da nossa revista os nomes d'artistas nacionais que, como este, não desistem no luto dos artistas estrangeiros que colaboram na Ilustração e que tem uma reputação feita.

Antônio Ramalho vai começar para a Ilustração uma série de retratos contemporâneos. A garantia do seu trabalho está no retrato de Rosa pac, que publicámos no ultimo numero.

DURANTE O CARNAVAL

CONHECE-se ha de dizer da graciosa compoçao de Avril, um dos mais elegantes e dos mais festejados desenhistas parisienses? O leitor comprehenderá logo à primeira vista. E justamente está a hora em que começam as grandes festas carnavalescas — meio norte. A hora dos crimes é tambem a hora dos prazeres. Dando um ultimo roque aos seus cabellos empoados, a parisiana vestida com um costume de Loucura lança um ultimo olhar para os seus adornos, no espolio de Veneza que lhe oferecem os Amores. Estes vestiram todos os fatos dos brillantes cavaleiros que elle vai encontrar nos salões cheios de luz e de flores. Ouviu já os primeiros acordes da valsa em brigadiera, e sorri à doce idéa do prazer que a espera... E d'aquei a pouco eli-a subindo as largas escadarias da Grande Ópera, e dum camarote a bella parisiana ha de ser a admiração de todos quantos a vejam, e o orgulho de todos quantos ás trez horas da manhã tocarem na sua taça de champagne, n'um gabinete do *Lion d'Or*.

Ao nome do brillante desenbador Avril a Ilustração não pode deixar de não reunir a do seu eminente collaborador Ch. Baudelaire, de cada vez que publicámos uma gravura sua temos a convicção de que oferecemos aos nossos leitores verdadeiras obras-primas.

OS BAILES DAS CREANÇAS

Como e habilissimo lápis de Mars fixou, com verdadeiro encanto e espirito, as physiognomias e as attitudes d'este mundo dos bebés, que se divertem de tão bom coração e se entregam ao prazer sem reservu e sem segundas intenções.

Vemos primeiro um janota, um *pachutteux*, que conta pelo menos quarto annos, que convita para a valsa, sem hesitar, uma mundana mais alta do que elle. A beleza accessiu e ell-o partiu.

Assistimos em seguida a uma verdadeira desgraça. Um grupo imprudente escorregou, querendo pular muito alto.

— Tenha cautella, meu cavalheiro e minha menina... Vae-lhe acontecer o mesmo d'aqui a bocada... O parquet ha de trahil-os.

— E o senhor, seu grande impolido, sentado n'essa cadeira que demais é muito alta para o senhor... Vamos, desça quanto antes e ceda o lugar a essa menina que está na sua frente. Fique sabendo que é necessário ser-se galante... mesmo quando se está esfalfado!

— E a menina lá ao canto que já sabe fazer um tão bonito uso do seu leque... E cedo de plati para ser tão coquette. E preciso ter paciencia e esperar ainda uns quinze annos.

— Saltem, alegres bebés. Dáensem intermináveis corpos... enquanto não chega o tempo em que hão de ser menos alegres. Aproveitem da infância abençoada, de todas as épocas da vida a mais serena e a mais feliz.

TÍCICOS DAS MANCHAS SOLARES
DO CORONEL GAZAU



CORONEL GAZAU protege há mais de trinta anos no estudo da constituição do sol, e formulá-lhe assim as suas conclusões : « O sol é formado de um corpo central ou núcleo de matérias tão estando líquido, que dão origem a gases e vapores entre os quais se acha uma grande quantidade de hidrogénio; estas matérias estão encerradas em um envelope sólido, ralo, repetidas vezes pela ação das pressões interiores que o suportam. Por cima existe uma outra camada que se pode chamar *photosphera*, pastosa, na parte inferior mas líquida e luminosa na parte superior, a qual forma a superfície do disco solar e sobre a qual repousa uma atmosfera imensa, composta de gases, de vapores dissociados e de hidrogénio sobrepostos pela ordem das densidades. »

« As manchas são formadas pelo ascenso de fragmentos arrancados à crosta sólida interior; chegam à superfície do disco levantam a matéria luminosa que se escora sob a forma de nodos luminosos (incusas). Quando as manchas desaparecem, os fragmentos da crosta, desceendo, produzem a penumbra, na qual se precipita a matéria luminosa. »

« A matéria luminosa, levantada pelos fragmentos da crosta escorre em direções irregulares e divergentes. Pelo contrário quando se precipita na penumbra, as correntes ou rios de matéria são rectilíneas, regulares e convergentes. » (As figuras de muitas manchas observadas pelo P. Secchi e publicadas na sua excelente obra *O Sol*, estão completamente d'acordo com esta hipótese.)

Um estudo profundo e duas observações muito curiosas mas pouco convincentes sugeriram estas conclusões ao coronel Gazau. A primeira das observações citadas é devida a Francis Wollaston; em 1774, viu este quebrar-se uma mancha,

As *apparitions*, accessórios, foram semelhantes ao que acontece quando depois de lançado um pedaço de gelo sobre um lago gelado, os seus diversos fragmentos resvalam em todas as direções. (Arago, *Astronomia popular*, tom II, página 126.)

A segunda observação é de Halley; este astrónomo viu a transformação do fundo de uma penumbra, fenômeno tão instantâneo que julgava estar assistindo à *fractura* de uma enorme escoria quebrada como um pedaço de gelo por uma pedra. (P. Secchi, *O Sol*, 2ª edição, tom I, página 67.)

Se estas observações se remontarem, nos nossos dias, aos olhos de astrónomos autorizados, a teoria do coronel Gazau é indiscutível. Ora os relatórios das sessões da Academia das ciências encerram, no número de 17 de março de 1884, uma nota de M. Trouvelot, apresentada por M. Janssen, director do Observatório de Meudon, a respeito de uma observação muito curiosa e anormal feita por este astrónomo, no dia 27 de maio de 1878 [M. Trouvelot, actualmente estudando no Observatório de Meudon, tem feito observações astronómicas muito importantes e encontrou no seu jornal quatro observações análogas e anteriores á de 27 de maio de 1878.]

Nesta data, M. Trouvelot viu as massas *faculares* compactas (que não são outra cousa mais do que os fragmentos da porção sólida levantada por uma impulso) resvalando (a expressão é de Wollaston empregada acima) sobre a superfície do disco e vindo cobrir em grande parte a abertura da penumbra sobre a qual produziam sombra e facetas pendentes sem se abater.

Em uma das outras quatro observações, a de 30 de novembro de 1877, M. Trouvelot observou as manchas faculturais que se não abatiam, mas relativamente suspensas deixavam o penumbra, como se fossem *Mitsukashis* por uma força interior.

A explicação é das mais simples: a massa sólida suspenso, enquanto pode manter-se em equilíbrio sobre a camada gáspora que o suporta pela sua força d'expansão. A ruptura do fragmento sólido pode ser necessariamente para temperatura elevada que vem a adquirir. Em certos limites, poder-se-ia fazer comparar este fenômeno ao que se passa na ascensão de uma rola de cortiça em um jacto d'água vertical.

A Revista científica de 11 de outubro de 1883 deu um discurso muito interessante e importante de M. C. A. Young, o ilustre autor da obra *O Sol* (Biblioteca científica internacional).

Eis as palavras d'este sábio :

« Pelo apparenço das manchas solares creio que deve admitir-se como mais natural a explicação seguinte : As manchas são fragmentos escuros, ou latâncias delgadas, projectadas da parte inferior como a escuma de uma caldeira. Estes fragmentos situantes são parcialmente submersos nas chamas resplandecentes da photosphera que lhes cobrem as bordas, que as atraem e que as envolvem em véus membranosos até ao momento em que estes fragmentos tornam a descer e desaparecem. »

Percebe-se que são estes as idéias expostas desde o anno de 1873 pelo coronel Gazau.

A propósito da teoria do coronel Gazau vamos contar as observações do P. Perry comunicadas á Sociedade real Astronómica de Londres em uma das suas últimas sessões.

O P. Perry, de Stonyhurst, faz uma narração completa das suas observações sobre as manchas solares.

Durante o dia, quando o tempo era bom, a Imagem do sol era projectada em um alvo fixo no telescopio e dell' se fazia um desenho de 100 cm de diâmetro mostrando as posições e as formas das manchas visíveis. Dayavam-se em seguida as formas e marcavam-se os meiores detalhes tendo o cuidado de collocar a imagem obtida parte da que se formava no alvo para verificar a exactidão do desenho. As faculas eram desenhadas com lápis vermelho em quanto o resto era marcado com lápis negro. Além das manchas e faculas ordinariamente descriptas, o P. Perry e o seu ajudante reconheceram uma outra ordem de fenômenos que designaram com o nome de manchas encobertas (*hidden spots*). Estas manchas são visíveis em todo o disco do sol e o P. Perry julga que se não foram observadas por outros astrónomos, é isso devido á sua pequena duração, dous a três minutos quando muito. Foram entretanto mencionados em *O Sol* de Young, como tendo sido observados por Trouvelot. Accompanham as manchas ordinárias á roda das quais estão reunidas, e são também vistas cerca das regiões polares do sol que nunca apresentam manchas: estão então distribuídas em grupos e formam por vezes grandes cordilheiras de montanhas. (Uma cadeia de manchas encobertas cobria um dia a décima parte do diâmetro do sol e assemelhava-se á penumbra de uma mancha ordinária; dividiu-se em duas partes em todo o seu comprimento e desapareceu em um minuto.)

As manchas ocultas parecem ser de duas espécies : as primeiras tem o aspecto de pequenas nuvens pacíficas produzidas pelo calor do sol que se dissipam rapidamente alguns minutos mais tarde; as outras parecem pelo contrario em relação com a sombra das manchas ordinárias. Aparecem na vizinhança destas e são mais persistentes do que as manchas encobertas ordinárias, ficando visíveis durante dois a três dias nunca mais. O P. Perry propõe que se lhes chame *manchas encobertas permanentes*. Tem ordinariamente 7 a 8" de diâmetro, (algumas atingem quasi 2'), isto é, cerca de 80.000 kilómetros) e nunca tomam grandes proporções. Sejam vistas muito facilmente por todos os astrónomos se lhes indicassem a sua posição. Parecem mais

pequenos de manchas ordinárias do que mudanças nos povos da superfície solar, e sabese que as manchas são formadas em uma região muito baixa e mais quente do que a dos vértices das protuberâncias, moviças e variáveis em um tempo muito curto. Os desenhos apresentados são excellentes; foram obtidos com um telescopio de 100 cm de abertura. Ha pois uma grande utilidade em multiplicar as fotografias do sol para bem estudar e conhecer estas variações, e o que se vai fazer no observatório de astronomia física de Potsdami, sob direcção do doutor Vögel.

OS TREMORES DE TERRE NA ANDALUZIA

Os tremores de terra que se produziram na Andaluzia tiveram um carácter completamente extraordinário de dureza e persistência; ordinariamente, estas grandes convulsões do solo cessam em pouco tempo; d'esta vez, porém, parece que uma região inteira está submetida á ação das forças, cujo trabalho tenho de lutar com uma grande resistência, tenc por efectuar.

Os primeiros abalos produziram-se na noite de 25 de dezembro; foram extremamente fortes e tiveram resultados desastrosos. M. Noques, engenheiro civil das minas, que está em Sevilla, publicou uma nota acompanhada de desenhos, muito interessante. Em um desses mapas está traçada a zona na qual se fez sentir com maior força o tremor de terra da 25 de dezembro; continua nas costas mediterrânea da Espanha e prolonga-se ate Madrid ao Norte e ate as fronteiras de Portugal ao Oeste. Esta é apenas a zona de movimento máximo, visto que o movimento oscilatório echoiu em Lisboa e mesmo na Madeira.

Os efeitos da destruição foram menos importantes nas províncias de Cadiz, Sevilla, Cordova, Jaen e Almeria do que nas de Granada e Malaga.

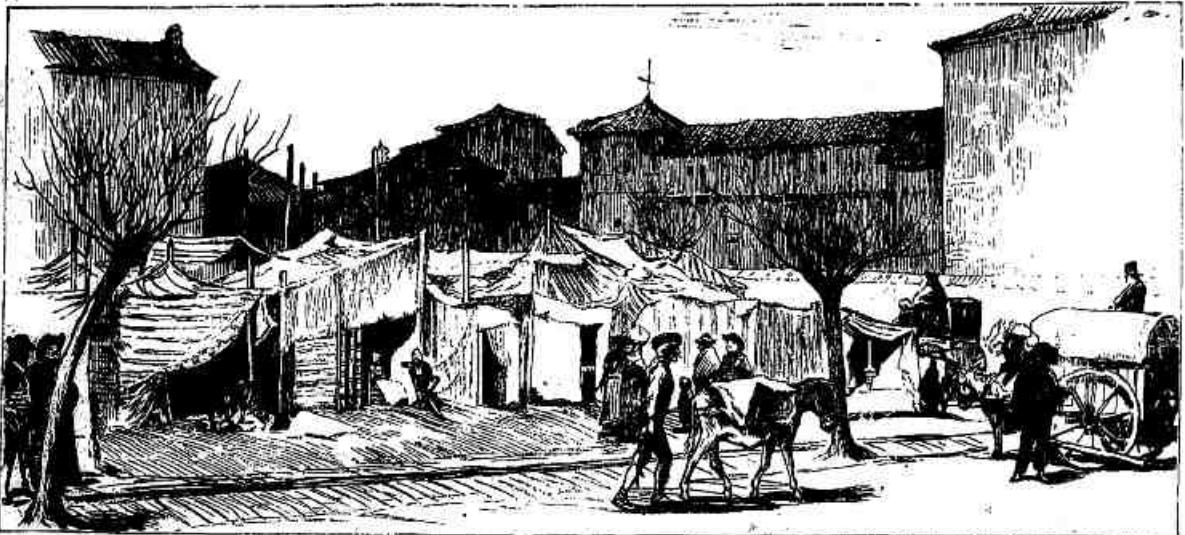
E na Andaluzia que o fenômeno foi e é ainda mais aterrador : em certos pontos das províncias de Granada e Malaga, o solo não deixou de vibrar, com alguns intervalos de repouso, desde 26 de dezembro.

A zona de tremor de terra máximo desenhada em um mapa de M. Noques, vai da costa do Mediterrâneo ate uma linha curva que, partindo dos arredores de Malaga passa por Alora, Antequera, Loja, Santa Fé, Grenade, atravessa Mulehazam e chega a Albolote. Todas estas regiões tem caracóteres geológicos muito interessantes; possuem rochas amphibolitas e pyroxenitas, juntas com filões metallíferos; segundo M. Noques, o movimento oscilatório parece estar em relação com uma linha de fracturas d'este sistema de rochas, e com a direcção das rochas pyroxenitas da costa.

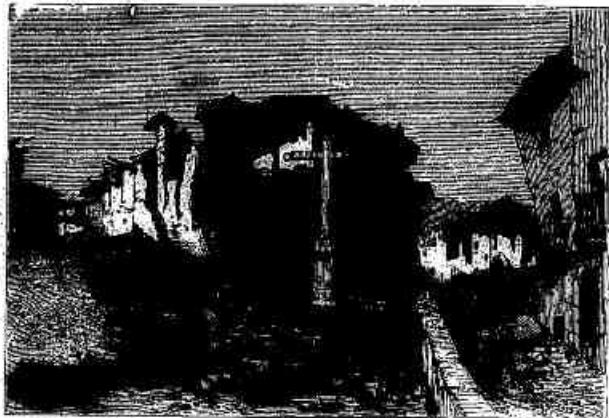
As fendas, diz este, e as linhas das fracturas d'este conjunto de rochas denunciam-se pelo aparecimento de numerosos stratos thermes e minereas nas províncias de Almeria, Malaga e Grenade. Na Sierra Reajad, os banhos de Rosas, os de Alhama, de Grenade, estão em um mesmo alinhamento; as aldeias de Alhama, Santa-Cruz, Arenas del Rey, onde o tremor de terra fez tantos destroços, estão edificadas sobre terrenos do sistema terciário.

Alhama, construída em um promontório terciário, cercada de escarpas profundas, tendo aos pés um torrente e muitas vezes águas mineras, não podia resistir a um ou mais abalos violentos do solo. Alhama, uma das vilas mais pitorescas da província de Grenade está hoje completamente arruinada. As aldeias situadas na linha de maximo de intensidade, construídas sobre trias ou sobre rochas antigas compactas, resistiram melhor do que as aldeias levantadas em um solo mais moderno, cavernoso em muitos pontos fendas ou cheio de aberturas.

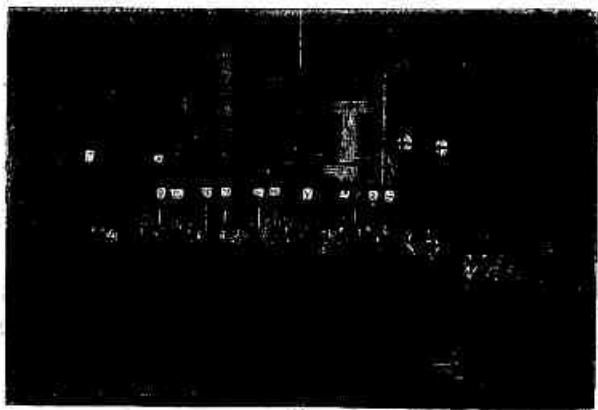
Ha muito que M. Elie de Beaumont tinha de se conhacer o que elle chamava o *exto volcânico* do Mediterrâneo; é uma zona que vai do arquipélago grego ao Vesuvio, à Andaluzia, às ilhas dos Açores.



Grenada. — Os moradores da cidade vivendo em barracas.



Calle de Aguas em Alhama.



Uma procissão em Grenada.



Nos campos próximos de Alhama.



A igreja de Alhama em ruínas.



Alhama. — Casas destruídas.



Convite para a vésia. — 2. Catapuz ! — 3. Miss Maggie e seu mano Charley. — Ha de ser mais pollido quando tiver vinte annos ! — 5. A todo o galope. — 6. Um formo cacheo. — 7. A primeira lição. — 8. Upa ! upa ! às costas da mamã. — 9. *Tout le monde touche !* — 10. Tão nova e já tão coquette !..

Em 1883, um tremor de terra arrasou completamente a ilha de Ischia, que está ligada a esta zona vulcânica. Em Casamicciola, tudo foi lançado por terra; o tremor da terra destruiu 537 habitações sobre 652 e, de 4.300 habitantes matou 1.734; em summa o tremor de terra d'Ischia custou a vida a 3.075 pessoas (números tirados de um relatório oficial).

Não teremos tão cedo os resultados officiais relativos aos efeitos do tremor de terra da Andaluzia.

O rei de Espanha percorreu a região mais experimentada; foi à Loja, a Alhama, onde se achavam a 13 jazidas, e durante a noite que elle ali passou, um leve estremecimento abalou o solo. Foi em seguida a cavalo à Sierra, a Arenas del Rey; e correspondente do *Times* que o acompanhava telegraphava ao seu jornal:

« Das 400 casas que compunham este aldeia poucas ficaram de pé; nem uma só é habitável. Não se pode conceber ruína mais completa. »

No dia 14, o rei e a sua comitiva voltaram para Grenade porque os rios e as estradas para além de Durgel estavam em um estado que não permitiu a continuação da viagem. O correspondente do *Times* foi a cavalo a Albacinos, villa de 2.000 habitantes; 102 tinham morrido no tremor de terra e apenas 90 casas restavam habitáveis. Em Murcia, 8 pessoas tinham morrido de 400 habitantes. Melejico, aldeia de 550 habitantes, estava completamente destruída; em Pérez, Chito, Talas, Ploce tudo tinha sido destruído ou estava pôr a ser. « O pior da situação é que os choques se produzem quasi todos os dias e que a desmoralização do povo aumenta. »

Os resultados do estudo do solo e das circunstâncias geológicas da Andaluzia demonstram em resumo que a causa das deslocações destas regiões está sempre presente e activa.

O ministro do Tax-índia. — A *Revue commerciale, diplomatique et consulaire* de Bruxelas publicou um artigo muito interessante sobre as riquezas deste país cheio de recursos para os emigrantes que querem ir habitá-lo.

Possue, com efeito, ouro, prata, mercúrio, antimônio, estanho, zinco, ferro, chumbo, arsenico, salitre, alumínio, marmores variados e sobretudo carvão como faz notar M. Tuchs, engenheiro das minas, delegado do ministério da marinha, que explorou este país.

Os cabos submarinos. — O comprimento dos cabos submarinos é de cerca de 111.000 quilometros, isto é, quasi três vezes a volta da terra. Um cabo encrua em médio dos flhos; se se pusessem uns adiantes dos outros todos os fios actualmente imersos, obter-se-ia aproximadamente dez vezes a distância entre a terra e a luna!

Illuminação eléctrica. — Os resultados das experiências feitas em Berlim durante algum tempo sobre a iluminação pela luz eléctrica, em certos pontos da cidade, principalmente na praça de Potsdam e na rua de Leipzig, foram mesquinhos, segundo o conselho municipal d'aquela cidade « é impossível achar um inconveniente na iluminação eléctrica da cidade; este modo de iluminação ganhou tantos admiradores que, se os aparelhos de gas mesmo apresentassem tivessem de ser reinstalados, o conselho municipal consideraria como um dever oppor-se-lhe com todas as suas forças. »

Por outro lado, dizem-nos que o teatro flamengo, que se vai brevemente construir em Bruxelas será iluminado a luz eléctrica. Esta decisão foi tomada pelo conselho communal de Bruxelas em consequência do relatório do engenheiro Wibauw, que fôr encarregado de estudar a iluminação eléctrica dos principais teatros da Europa, e sobretudo em vista da maior segurança contra o fogo. Reconhece-se com efeito que, nos sinistros d'este género que tem lugar nos teatros, o gas podia ser considerado como uma das causas principaes.

O microfone Hipp. — M. Hipp, constructor em Neuchâtel, inventou um microfone muito analogo áquilo que MM. Mikhé e d'Argy fizeram privilegiar

em 1883. Vae ser experimentado na grande mina de carvão da pedra de Marienthal, para a transmissão dos sinalos do fundo das galerias da fossa até à abertura do poço.

O iodínum. — A *English Mechanic* diz-nos que o professor Wellsby acaba de descobrir um novo metal que chama iodínum, ao estudar o misterio de vanadiato de cromo. Este misterio que é muito raro e amarellado encerra também zinco, ferro e arsenico.

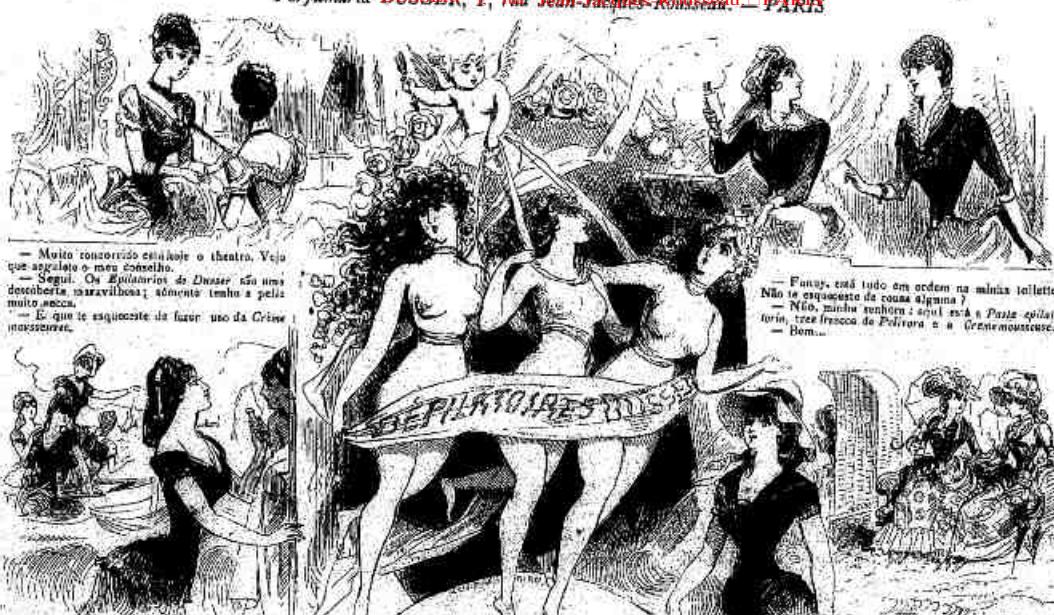
O iodínum parece-se muito com o vanadio, sob os dois pontos de vista physico e químico, e forma saes fixos com os alcálios. Parece possuir uma grande afinidade para o oxigénio, e é provável que se descubra brevemente um ácido iodíntico analogo ao ácido vanadico.

Temperatura do sol. — Dos suas investigações conclui o professor Ericsson que a temperatura do sol é de 1.700.000° c. Este astrônomo tinha avaliado outrora em 4 ou 5 milhões de graus Farenheit, isto é 2.200.000° c. ou 2.800.000° c. aproximadamente aquella temperatura. Serviu-se nas suas observações do pyrometro solar.

COMUNICAÇÕES TELEGRAPHICAS NO MAR. — Sob este título consta o *Electricty*, as experiências empregadas polo Administrador dos phares de Trinity House para establecer comunicações telegráficas e telephonicas entre o navio farol Lundy, situado a 16 quilometros aproximadamente de Walton-on-the-Naze e esta localidade.

Os resultados obtidos com os aparelhos Morse, Wheatstone e mesmo com os telephones foram perfeitamente satisfatórios, de modo que, desde já podiam ser requisitados barcos de salvamento em caso de necessidade, quer de dia, quer de noite, não só em Walton, mas também nas cidades vizinhas Ramsgate e Harwich.

EPILATORIOS DUSSIER (Pasta Epilatoria para o rosto; Pelivora, para os braços)
Perfumeria DUSSIER, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau. — PARIS



— Muito concorrido está hoje o teatro. Veja que agitado o meu conselho.

— Segui. Os Epilatorios de Dussier são uma descoberta maravilhosa; admitem tanto a pele seca quanto a molhada.

— E que é esquissado de fazer uso da Crème impermeável.

— Para que assim não esteja propensa.

— Não tanto, porque de levar tanto tempo brincando.

— E afinal por que posso Águia tem um frasco de Pelivora. Vou ficar como uma ninfa de Diana.

— Ela só tem grande os trajes das sereias, as fadas, os anjos e os anjos.

— Mas que corpo ótimo... que explodido... correto!

— Que adorável! Com a Epilatoria Dussier todos os mamilos ficam lisos e firmes.

— Faz, está tudo em ordem na minha toilette? Não se enquadra de roupa alguma?

— Não, minha senhora! Segui está a Pasta epilatoria, très fresca de Pelivora e a Crème impermeável.

— Bom...

— Ela só tem grande os trajes das sereias, as fadas, os anjos e os anjos.

— Mas que corpo ótimo... que explodido... correto!

— Que adorável! Com a Epilatoria Dussier todos os mamilos ficam lisos e firmes.

— Pois a Pasta impermeável é mais a Pelivora que a salinaria.

AS MUSICAS DA « ILLUSTRAÇÃO »

LA BERCEUSE DES CLOCHES

SCHUBERT

PIANO.

The musical score consists of five staves of piano music. The first staff shows a steady eighth-note pattern in the treble clef. The second staff begins with a dotted half note followed by eighth-note pairs. The third staff features a continuous eighth-note pattern. The fourth staff contains a series of eighth-note chords. The fifth staff concludes the piece with a melodic line and the word "FIN". The score includes dynamic markings such as *p*, *pp*, *mf*, and *rall*.